

Museu ou Santuário ao tempo “da outra senhora”?

Quando a edificação de um museu origina debates acesos é porque a temática que visa abordar carece de resolução social, isto é, a sociedade não se pacificou com o assunto.

29 de Agosto, 2019 - 15:50h | [João Ferreira Dias](#)



Foi assim com a questão do museu dos Descobrimentos – pela carga colonialista que lhe subjaz – e é assim com o eventual Museu de Salazar e do Estado Novo. Ao contrário dos sinais próprios dos tempos que correm, a questão não pode ser vista binariamente sob a batuta das paixões.

Antes do museu propriamente dito, importa olhar o momento. Vivemos um período de nostalgias que vão muito além do estético, posicionadas no âmago identitário e ideológico das sociedades ocidentais. O rescaldo da globalização e das crises foi a produção de uma massa social hoje metaforicamente designada por “descamisada”. São pessoas de baixa renda e reduzida escolaridade e/ou situadas em faixas etárias onde o choque geracional é evidente. A estes “descamisados” juntam-se os segmentos mais conservadores da sociedade, pessoas cujas socializações estão ligadas a um conjunto de valores que entram em confronto com a mudança social própria das sociedades urbanas atuais, verdadeiras encruzilhadas de identidades. Gera-se, então, um caldo social onde opera a nostalgia, um sentimento de ansiedade no qual se adoça o passado tornando-o idílico e referencial. Ora, em tempos de “combate cultural”, tema a que pretendo voltar oportunamente, o apelo ao passado adquire uma dimensão política profunda, com o revivalismo dos fascismos e do mundo bipolar da Guerra Fria.¹

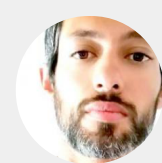
Posto isto, é possível conceber um Museu de Salazar e do Estado Novo sem levar em consideração os fatores nostálgicos e de circunstâncias temporais? Talvez seja. Mas para tal seria necessário desinscrever geograficamente o mesmo. Localizar o museu em Santa Comba Dão significaria confundir património museológico com património religioso. Por outras palavras, um Museu de Salazar e do Estado Novo em Santa Comba Dão seria simbolicamente confundido com um santuário: o lugar onde ele estudou, a sua secretária, os seus pertences, onde nasceu. Tudo somado configura um espaço de memória e louvação, não se distinguindo de variados santuários de aparições. Estamos a falar de um espaço de culto ao querido líder da Pátria e não de um museu, um espaço oportuno para recuperar a tríade: Deus, Pátria e Família. A se concretizar, rapidamente veremos a constituição de um espaço de romarias, com venda de souvenirs dos mais variados apelos nostálgicos da ditadura.

Mas, por princípio, um Museu de Salazar e do Estado Novo é mau? Pelo contrário. Em rigor, afigura-se uma excelente oportunidade de arrumar os fantasmas do passado, servindo de escudo para revivalismos e branqueamentos da História. Isto se a curadoria apresentar o rigor científico e histórico que se exige, contando com espaços para o relato de quem foi perseguido e torturado pela PIDE; para explicitar o machismo orgânico que secundarizava as mulheres e as subjogava à vontade do pai e do marido, segundo um entendimento religioso particular do cristianismo; para relatar a repressão aos sindicatos e todo o tipo de corporativismo; para expor a construção de uma memória social e uma tradição cultural inventada que fermentou o ideal “pobres mas honrados” e dos “brandos costumes”; para encarar, sem rodeios, o racismo biológico e cultural a propósito das colónias, espaços que foram “civilizados” pela bondade cristã; para informar sobre o analfabetismo, as baixas condições de higiene e a reduzida mobilidade social; para desvelar o tratamento de gays e lésbicas como doentes; enfim, que existam espaços devidamente concebidos para encarar a realidade do Portugal de então e o pensamento de Salazar, o seu quadro ideológico, o seu programa político para o país, a construção de uma narrativa mitificada em torno do líder simples, honesto, casto e virtuoso. Um país de paternalismo, machismo, medos, beatificações e elogio do ruralismo.

Notas:

¹ A coletânea de textos editada por Olivia Angé e David Berliner, sob o título Anthropology and Nostalgia, oferece um conjunto de estudos-de-caso interessante sobre o assunto.

Sobre o/a autor(a)



João Ferreira Dias

Doutorado em Estudos Africanos pelo ISCTE-IUL. Mestre em História e Cultura das Religiões pela FLUL. Investigador Integrado do Centro de Estudos Internacionais do ISCTE-IUL.



(...)

Autores

- [Ada Pereira da Silva](#) (1)
- [Adelino Fortunato](#) (30)
- [Adriana Temporão](#) (1)
- [Adriano Campos](#) (95)
- [Adriano Campos e Ricardo Moreira](#) (2)
- [Afonso Jantarada](#) (18)
- [Afonso Moreira](#) (4)
- [Agostinho Santos Silva](#) (1)
- [Alan Maass](#) (1)
- [Albert Recio](#) (1)
- [Albertina Pena](#) (1)
- [Alberto Guimarães e Silvia Carreira](#) (1)
- [Alberto Matos](#) (24)
- [Alda Sousa](#) (9)
- [Alejandro Nadal](#) (79)
- [Alexandra Manes](#) (116)
- [Alexandra Ricardo](#) (2)
- [Alexandra Vieira](#) (27)
- [Alexandre Abreu](#) (5)
- [Alexandre Café](#) (3)
- [Alexandre de Sousa Carvalho](#) (1)
- [Alexandre Mano](#) (1)
- [Alfredo Barroso](#) (2)
- [Alice Brito](#) (65)
- [Alison Tudor](#) (1)
- [Almerinda Bento](#) (33)
- [Aluf Benn](#) (1)
- [Álvaro Arranja](#) (85)
- [Amarilis Felizes](#) (4)
- [Amarilis Felizes e Tiago Ivo Cruz](#) (1)

1 de 19 [seguinte >](#)